

Liderança do PSDB inicia discussão sobre possíveis alianças na etapa final

por Maria Luisa Teixeira
de São Paulo

A decisão só deve ser anunciada depois que forem conhecidos os resultados da primeira rodada da eleição presidencial, mas os tucanos já buscam seu rumo para o segundo turno. "Nossa maior preocupação é com a unidade do partido", afirmou o ex-governador Franco Montoro, presidente nacional do PSDB, após reunir-se com a executiva nacional, ontem, em São Paulo. Montoro anunciou para a próxima semana uma série de reuniões da comissão executiva do partido, da bancada federal (deputados e senadores) e diretório nacional, em busca de consenso para "essa decisão histórica".

Os pessedebistas prometem que a decisão de ficar ao lado de Collor de Mello, Brizola ou Lula será partidária e não pessoal. Mesmo assim, algumas das expressões nacionais do partido, como o prefeito Pimenta da Veiga, de Belo Horizonte, fazem questão de abrir sua posição. "Collor é uma hipótese que eu pessoalmente descarto porque acho que ele não é uma solução para o Brasil e só iria aprofundar a crise do País", enfatiza o prefeito tucano, acrescentando não ter restrições a conversas com Brizola e Lula. "Eu em geral estou muito próximo do que pensa Pimenta da Veiga", limitou-se a observar o senador Fernando Henrique Cardoso, que já foi cogitado pelo PRN de Collor como um possível

ministro de seu governo. "O partido tem uma história e vai segui-la", observou Fernando Henrique. "Vejam o álbum de fotografias onde nós estivemos a vida inteira para ver onde estaremos no futuro", recomendou. Embora tenha ressaltado estar disposto a seguir a decisão partidária, o senador disse que, pessoalmente, considera "o PDT uma decisão viável".

O senador José Richa prefere ter a confirmação dos dois candidatos que estarão no segundo turno, antes de fazer comentários sobre alianças prováveis, mas desde já desmente que excluiria Brizola e Lula da negociação. O deputado José Serra também defende que as posições não devem ser individuais e sim partidárias, descartando a possibilidade de vir a aceitar qualquer convite para participar de um ministério que não seja o de Covas.

Dono de uma votação expressiva, sobretudo em São Paulo, o senador Mário Covas, que se tem mostrado pouco predisposto a apoiar Collor, terá grande influência na definição da aliança a ser feita pelo PSDB. Ontem, o senador preferiu ficar afastado da imprensa e não comentou a questão. Seu vice, senador Almir Gabriel, disse ao editor Rodrigo Mesquita, deste jornal, que seria complicado reunir o PSDB e o PT porque os petistas teriam dificuldades para articular uma frente ampla para enfrentar a candidatura Collor, no dia 17 de dezembro.